

Equívoco passado de pai para filho

Autor: Rosely Sayão – roselys@uol.com.br

Ocupação: Psicóloga e Consultora em Educação

Data: 26 de abril de 2001 – Publicado no jornal A Folha de São Paulo

Há duas semanas, Fábio Steinberg escreveu em “Outras Idéias” sobre a responsabilidade da mídia na erotização infantil. Ele estava indignado – e com razão – com a programação televisiva, sempre carregada de sexo, de muito sexo, o que aumenta consideravelmente a audiência. Bem, quero aproveitar a deixa do Fábio e apimentar um pouco mais essa importante discussão e, para tanto, relembro o bilhete que ele citou, de uma criança de pouco mais de 6 anos: “Mariana, te amo muito. Você quer transar comigo? Ass: Ronaldo”. Qual a parcela de responsabilidade que nos cabe nesse processo louco de priorizar o sexo acima de quase tudo, em que as crianças são as maiores vítimas?

Existe um bate-papo que faço semanalmente, pela Internet, com adolescentes e adultos a respeito da sexualidade, os jovens estão quase sempre às voltas com a descoberta da sexualidade e com a força de seus impulsos. Mas uma coisa em especial me chama a atenção: a confusão que os jovens fazem entre afeto e sensação física.

Cada vez mais, eles se importam muito com as sensações e pouco com os afetos; cada vez mais, eles se ligam ao outro mais pelos atributos físicos que ele tem e menos pelas idéias e posturas de vida que apresenta; cada vez mais, intimidade significa tirar a roupa e expor o corpo ao namorado ou à namorada, e menos conversar e expor afetos e pensamentos. E, à semelhança do garotinho autor do bilhete que Fábio citou, confundem afeto com sexo.

Ouçõ frequentemente garotas justificarem uma transa inconseqüente, do ponto de vista delas mesmas, pelo que elas chamam de “carência afetiva”, seja lá o que signifique isso. O ponto é que, em busca de afeto, elas encontram sensação. E como eles sofrem com essa confusão, com esse grande equívoco! Mas eles aprendem isso apenas olhando à televisão?

Claro que não! Eles aprendem isso também – e principalmente – observando a vida dos adultos que os cercam, assistindo ao modo de viver da sociedade adulta de que estão prestes a fazer parte. O fato é que vivemos, atualmente, uma vida mais sensacional e menos afetiva. Para ilustrar: recentemente recebi uma mensagem de um leitor que dizia que o sentido da vida é buscar satisfação para nossos impulsos.

Pois é justamente isso o que muitos adultos têm feito. Ouçõ, com freqüência, cada maior, depoimentos de adultos a esse respeito: eles dizem que, apesar de bem casados e do afeto que têm pela mulher ou pelo marido, não conseguem resistir à atração erótica que sentem pelas outras pessoas. É a primazia dos sentidos. Claro que é mais fácil nos checarmos quando a expressão desse modo de viver aparece em uma criança ou nos adolescentes. O problema é que nem sempre nos damos conta de que eles têm em quem se espelhar.

Por que será que, apesar de muitos compartilharem da mesma indignação que Fábio expressou em seu texto, poucos fazem algo de concreto contra essa programação tão sensacional dos programas de televisão? Não creio que seja apenas passividade ou impotência. Parece-me mais cumplicidade.

Talvez a vida moderna, com todas as suas características e complexidades, favoreça e estimule esse modo de viver. Mas, se tantos são contra, se tantos são críticos a esse respeito, por que não mudar, por que não resistir? É essa a pergunta que faço sempre a pais e educadores escolares quando eles criticam determinados comportamentos sociais a que os filhos ou alunos estão submetidos. Mas sempre ouçõ a mesma resposta: a maioria age e pensa assim. Pois então: será que não fazemos parte

dessa mesma maioria que criticamos? Talvez possamos, refletindo desse modo, favorecer e facilitar a mudança de rumo das coisas. Quem sabe, assim, o bilhete do garoto poderia ser bem diferente: “Mariana, te amo muito. Você quer conversar comigo? Ass: Ronaldo”.